



IV Simpósio Internacional de **Acolhimento Familiar**

Campinas/SP – 20 a 23 de março de 2023

Apresentação oral - resumo

Realização



UNICAMP



INSTITUTO
Geração Amanhã

Cuidar e ensinar a cuidar: desafios do acolhimento familiar de mãe e filha

João Artur de Falco Tizzo
Aline de Jesus Alves
Aline Amaral Sicari

Introdução: O presente relato de experiência tem por intuito compartilhar sobre o trabalho dos profissionais do Serviço de Família Acolhedora (SFA) de uma cidade do interior de Minas Gerais/MG, mais especificamente acerca do período de acompanhamento de um acolhimento de uma adolescente (12 anos) em conjunto com sua filha (01 ano). Para além da referida adolescente, aponta-se que sua irmã, ainda criança no momento do acolhimento (08 anos), também foi incluída na medida protetiva, sob os cuidados de outra família acolhedora. Como protocolo das orientações técnicas para os serviços de Acolhimento Familiar, as famílias passaram por um processo de capacitação para posterior aprovação e inclusão no cadastro de famílias acolhedoras. Para isso, também passam por uma etapa em conjunto com a equipe técnica do serviço de identificação do seu perfil para acolhimento. Sendo assim, no referido caso, o serviço não possuía em seu cadastro uma família habilitada para o perfil mencionado, de forma que a adolescente foi acolhida em uma família (acompanhada de sua filha), enquanto sua irmã foi recebida por outra família. Ao longo do processo da medida protetiva, ambas as irmãs também passaram por transferência de acolhimento. De antemão, percebe-se a complexidade iminente do caso pela própria configuração do acolhimento, de forma que foi requisitado um trabalho avançado e de acompanhamento próximo da equipe técnica, dadas as atípicas demandas. Sendo assim, foram necessários trabalhos intensivos por parte da equipe técnica, incluindo discussão do caso em Rede (de Proteção à Infância e Juventude), elaboração de intervenções específicas, discussão e mediação de momentos específicos e atendimentos emergenciais. **Objetivos:** O presente trabalho tem por objetivo apontar sobre as particularidades do acompanhamento de um caso como o mencionado, e desmistificar o acolhimento de adolescentes, que, por múltiplas razões, nem sempre é contemplado dentro dos serviços de acolhimento ao longo do país. Sendo assim, o material objetiva também apontar sobre as possibilidades de trabalho com os acolhimentos de naturezas similares às aqui discutidas, dado que o caso contempla o acompanhamento, por parte

dos profissionais, do acolhimento de crianças, adolescentes, grupos de irmãs acolhidas em diferentes famílias e, mais ainda, o acompanhamento de um acolhimento de mãe e filha. **Método:** O referido trabalho se baseou na análise dos registros de campo (diários, semanais e mensais) dos profissionais aqui mencionados, que abrangiam todo o exercício de acompanhamento do caso. Os referidos registros são embasados nas Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), nos Códigos de Ética referentes à Psicologia e ao Serviço Social. Tais registros de campo também abrangem o Plano Individual de Atendimento (PIA) apontado pelo ECA, Fichas de Evolução de Atendimentos, abordagens domiciliares e na sede do serviço e discussões de caso com a Rede de Proteção à Infância e Juventude. **Resultados:** Ao longo do trabalho de acompanhamento do caso, pôde-se observar a iminência de demandas de intervenção específicas ao caso, atípicas em relação ao habitual nos serviços de acolhimento. O acolhimento de uma adolescente em conjunto com sua filha, ainda na primeira infância, requisitou que os profissionais desenvolvessem estratégias únicas e levantassem reflexões com a adolescente acerca de seu papel enquanto acolhida e, principalmente, enquanto mãe. Os profissionais envolvidos puderam identificar relações estabelecidas pela adolescente entre o acolhimento, o pertencer, a maternidade e as causas da medida protetiva. O fato de ter sido acolhida, por si só, foi fator de conflitos internos para a referida, dado que possuía fortes vínculos afetivos com a família de origem e, ao começo, teve dificuldades em compreender os motivos reais da necessidade do acolhimento. Consequentemente, observou-se que a adolescente apresentava indignação e aversão ao acolhimento familiar, e, mais ainda, que tais conflitos perpassam também com sua filha e sua irmã no início da medida. Foi necessário, consequentemente, um acompanhamento intensivo por parte dos profissionais para mediação do acolhimento e intervenções não só com a adolescente, mas principalmente com a família acolhedora. Nota-se que, dada a complexidade da configuração do acolhimento, as orientações dos profissionais à família acolhedora necessitaram se voltar principalmente no cuidado com o papel exercido pela adolescente (de acolhida, mas também de mãe). Principalmente no início do acolhimento, foi necessário um trabalho de orientação à família acolhedora para que compreendesse e respeitasse (e, inclusive, auxiliasse) o papel de mãe exercido pela adolescente,

ainda que ela própria estivesse sob os cuidados de terceiros. Sendo assim, desafios iniciais eram refletidos e ilustrados pelo complexo trabalho de cuidar e ensinar a cuidar. No período inicial do acolhimento, a adolescente apresentou demandas referentes à resistência à medida e à posição de ser cuidada e, aqui, ressalta-se a história de vida pré-acolhimento inerente a ela, que fora atravessada por negligências parentais, violência sexual e conflitos familiares. Sendo assim, percebeu-se que o período inicial de compreensão da medida e aceitação do espaço de permitir-se ser cuidada foi de grande desafio para a adolescente e também para a família acolhedora. Eventualmente, passados alguns meses da aplicação da medida, foi realizada uma transferência da adolescente para outra família acolhedora. Decorrida a transferência, agora já sob os cuidados de outra família acolhedora, novos desafios foram emergindo à medida que acolhida e acolhedora precisavam compreender e estabelecer os espaços e papéis a serem cumpridos e exercidos por cada uma. Com o passar do tempo, os profissionais precisaram elaborar atendimentos e intervenções específicas que respeitassem e enfatizassem (tanto para adolescente quanto para a família acolhedora) o papel de ser cuidada, mas de também ser mãe, da acolhida. Ao mesmo tempo em que ela vivenciava uma etapa da vida que é marcada pelo senso de pertencimento a grupos, pela busca por uma identidade e por uma autonomia, o caso em questão também abordava um papel específico de ser mãe, que demandava da adolescente um compromisso e responsabilidade específicos, e da família acolhedora uma compreensão e um respeito às próprias limitações no cuidado da filha da acolhida. Observou-se que, apesar de apresentar limitações no próprio repertório referente ao cuidar de alguém que é mãe, a família acolhedora apresentou abertura e disponibilidade para as orientações e intervenções dos profissionais envolvidos. Foram necessárias construções em conjunto (entre equipe técnica e família acolhedora, e entre família acolhedora e adolescente) de acordos e consensos que garantissem o papel de cuidado para a adolescente e que ao mesmo tempo respeitassem sua autonomia enquanto mãe. Não obstante, para o acompanhamento do caso, foi necessário um empenho intensivo dos profissionais concernente ao trabalho em conjunto com a Rede de Proteção à Infância e Juventude e os respectivos profissionais, discussões de caso e solicitações e relatórios à Vara da Infância e Juventude. **Conclusões:** Perante

os dados apontados, evidencia-se a necessidade da intensificação da promoção de trabalhos que tenham como foco a adolescência e o exercício da maternidade em medidas de proteção, além da necessidade de discussão acerca de direitos reprodutivos e de gravidez na infância. Dessa forma, entende-se a complexidade do acolhimento como um todo e, para além disso, apontam-se com o estudo as diferentes dimensões a serem abordadas, compreendidas e trabalhadas ao longo da medida protetiva, abrangendo não só o papel de cuidado a ser exercido pela família acolhedora, mas também os papéis a serem desempenhados por ela e por aquele(a) que está acolhido(a).